

Cartas a um velho colega – I

Ontem encontrei, em plena Avenida Paulista, um velho conhecido, meu colega dos anos de colégio. Fazia tempo que não nos víamos. Extravasamos efusivamente a nossa alegria.

Depois de um se inteirar da vida do outro, meu colega saiu- se com esta: “disseram- me que você escreveu um livro sobre...que mesmo? Ah! Agora me lembro: sobre uma tal espiritualidade conjugal. Mas que é isso? No nosso tempo de colégio nunca ouvi os padres falarem sobre isso. Se bem me lembro, em um retiro que fizemos em Itaicí --- lembra- se? ---O Pe. Mariaux falou muito na espiritualidade inaciana. Mas da conjugal ele nada disse, nem mencionou a sua existência. Onde v. foi inventar isso?

Expliquei- lhe que o assunto não podia ser esclarecido assim de repente, no meio do passeio da avenida, com gente passando pra lá e pra cá.

--- Já sei, respondeu- me você está querendo que eu compre o livro. Posso até comprar mas, por enquanto, não posso nem pensar em lê- lo. Ando atarefadíssimo lá na Companhia. Você sabe que ela foi comprada pelos “gringos” que andam virando a empresa de ponta cabeça. E eu tenho que defender a minha posição de diretor. Veja se me faz um resumo do assunto.

Prontifiquei- me a fazê- lo. Só que por escrito, pra ele ler noavião em uma de suas muitas viagens. Adiantei que não bastava fazer uma leitura dinâmica ou ler apressadamente o resumo que lhe mandaria: era fundamental parar um pouco para refletir e meditar o assunto.

Como ele se comprometeu a fazê- lo, mandei- lhe, alguns dias depois, a carta que a seguir transcrevo. Mas, ao acabar de escrevê- la, dei- me conta que, necessariamente, ela seria a primeira de algumas outras pois, só assim, o resumo seria esclarecedor e teria sentido.

Meu caro colega e amigo.

Cumpro agora, com esta carta, a promessa que lhe fiz, em plena Avenida Paulista, quando tive a agradável surpresa de encontrá-lo.

Você recordou o retiro que fizemos, lá em Itaicí, quando terminávamos o curso colegial. E olhe que isso já faz um bom tempo! O pregador foi o Pe. Mariaux com seu jeito de alemão alto e grandalhão. Além de professor de religião, ele era o diretor da nossa Congregação Mariana, onde aprendi um bocado de coisas e convenci-me da importância de procurar ser coerente com a nossa vida de fé. Espero que com v. também se passou a mesma coisa. Pelo menos os episódios que v. me recordou na calçada da avenida deixaram-me essa impressão.

Mas vamos ao que interessa. Você, ao evocar o nosso retiro, lembrou que o Pe. Mariaux falou muito em espiritualidade, ressaltando sobre tudo a chamada espiritualidade inaciana. Aliás de um jesuíta não se poderia esperar outra coisa. Mas, como você fez questão de apontar, ele não disse uma só palavra sobre a tal espiritualidade conjugal. Aliás, a bem da verdade, o nosso pregador não chegou, sequer, a pronunciar esta expressão, ainda que soubesse que quase todos nós que ali estávamos pretendíamos nos casar.

Olhando para trás, para aquele tempo, lá em meados da década de 40, estou seguro que o Pe. Mariaux, nem qualquer outro pregador, poderia mencionar a existência de uma espiritualidade dita conjugal. Mesmo muito tempo depois, lá pela época em que casamos, não se ouvia falar nessa tal coisa.

O amigo sabe que, eu e minha mulher, pertencemos a um movimento de casais, as Equipes de Nossa Senhora. Quem sabe se v. e a sua esposa --- que foi filha de Maria --- aceitam o meu convite para conhecer as equipes. Espero que sim. Pois bem, foram os casais fundadores do Movimento que, encantados com o amor que os levou ao casamento, reuniram-se com um Padre francês de personalidade invulgar, o Cônego Henri Caffarel, para juntos, buscarem conhecer o sentido profundo do sacramento do matrimônio. Aí, pouco a pouco, foram descobrindo que o sacramento comportava uma dimensão nova da qual, antes, eles nunca haviam ouvido falar: a possibilidade de se viver uma vida espiritual que brota do sacramento que os unia, o matrimônio. Tiveram a intuição de que existia a tal espiritualidade conjugal.

Veja você uma coisa. No "nosso tempo", quando estávamos para casar ou éramos jovens recém casados, se alguém falava sobre o casamento era, geralmente, para insistir na sua indissolubilidade, o que dava azo a se combater o famigerado divórcio. Ou se enveredava por outros aspectos jurídicos ou morais inerentes ao casamento. Mas não será que o matrimônio é muito mais do que

isso? Ou será que a gente diz que ele é um sacramento para poder fazer aquela cerimônia na igreja, seguida dos comes e bebes de uma alegre festa? E qual seria este significado? E pelo fato de ser um sacramento não supõe a existência de um sinal sacramental? Qual seria ele? Apenas a formalidade do "sim"? E com o ruidoso toque da marcha nupcial o sacramento se exaure?

Como o amigo pode ver, são muitas as indagações que, em nosso tempo de colégio, nem sequer foram colocadas, Mas para chegar à espiritualidade conjugal estas, e muitas outras questões, precisam ser bem elucidadas e explicadas. Só que não posso tentar fazê-lo agora. Afinal de contas, não é só você que é ocupado. Não sou diretor de coisa alguma mas, no fim do mês, é preciso pagar as contas. Por isso tenho que ficar por aqui. Prometo voltar qualquer dia tentando jogar alguma luz sobre estas questões.

Aproveite as suas muitas viagens para refletir sobre as indagações que deixo aqui, junto com meu abraço de velho colega e amigo.

Luiz Marcello Azevedo.